

ESTRATÉGIAS COMUNICACIONAIS DE UM REPÓRTER-AMADOR: INOVAÇÃO SOCIAL NA PRODUÇÃO DE NOTÍCIAS

COMMUNICATIONAL STRATEGIES OF AN AMATEUR REPORTER: SOCIAL INNOVATION IN NEWS PRODUCTION

ESTRATEGIAS COMUNICACIONES DE UN REPORTERO AFICIONADO: INNOVACIÓN SOCIAL EN LA PRODUCCIÓN DE NOTICIAS

Diego Gouveia

■ Professor do Núcleo de Design e Comunicação e da Pós-graduação em Comunicação e Inovação Social do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco.

■ *Profesor del Centro de Diseño y Comunicación y del Curso de Postgrado en Comunicación e Innovación Social del Centro Académico Agreste de la Universidad Federal de Pernambuco.*

■ E-mail: dmgouveia@gmail.com

Sheila Borges

■ Professora do Núcleo de Design e Comunicação do Centro Acadêmico do Agreste e da Pós-graduação em Comunicação e Inovação Social da Universidade Federal de Pernambuco.

■ *Profesora del Centro de Diseño y Comunicación del Centro Académico Agreste y del Curso de Postgrado en Comunicación e Innovación Social de la Universidad Federal de Pernambuco.*

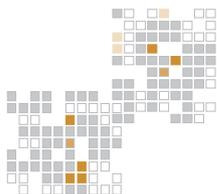
■ E-mail: sheila.boliveira@ufpe.br

Rodrigo Barbosa

■ Professor do Núcleo de Design e Comunicação e da Pós-graduação em Comunicação e Inovação Social do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco.

■ *Profesor del Centro de Diseño y Comunicación y del Curso de Postgrado en Comunicación e Innovación Social del Centro Académico Agreste de la Universidad Federal de Pernambuco.*

■ E-mail: rodrigo.mbarbosa@ufpe.br



RESUMO

Este artigo analisa as estratégias comunicacionais utilizadas por um repórter-amador pernambucano para a divulgação de conteúdos informativos na comunidade em que vive e não priorizados pelas pautas dos conglomerados de comunicação daquele estado brasileiro. Para realizar esta investigação, toma-se como aportes teórico e metodológico os estudos de Lahire (2002; 2004; 2005; 2006) para uma sociologia à escala do indivíduo, que lastreou a realização de entrevistas profundas e sucessivas na reconstrução da trajetória de vida do repórter-amador. Na abordagem da formação de novos arranjos comunicativos, apoia-se em pesquisas sobre inovação social. Por fim, considera-se que a atuação desse cidadão comum, que não é jornalista, contribui para a superação dos desertos de notícias.

PALAVRAS-CHAVE: REPÓRTER-AMADOR; DISPOSIÇÕES SOCIAIS; DESERTOS DE NOTÍCIAS; INOVAÇÃO SOCIAL.

ABSTRACT

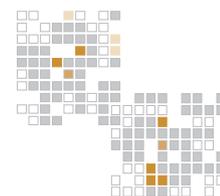
This paper examines the communication strategies employed by an amateur reporter from Pernambuco to disseminate informational content within his local community, content that is often overlooked by the media conglomerates in that Brazilian state. To conduct this investigation, the study draws on theoretical and methodological insights from Lahire (2002, 2004, 2005, 2006), which informed the in-depth and successive interviews used to reconstruct the reporter's amateur career trajectory. The study explores the formation of new communicative arrangements, building on research related to social innovation and news deserts. Ultimately, it argues that the efforts of this non-professional journalist contribute to addressing the issue of news deserts.

KEY WORDS: AMATEUR REPORTER; SOCIAL PROVISIONS; NEWS DESERTS; SOCIAL INNOVATION.

RESUMEN

Este artículo analiza las estrategias de comunicación utilizadas por un reportero aficionado de Pernambuco para difundir contenidos informativos en la comunidad en la que vive y que no son priorizados en las agendas de los conglomerados de comunicación de esse estado brasileño. Para realizar esta investigación se utilizan como aportes teóricos y metodológicos los estudios de Lahire (2002; 2004; 2005; 2006) para la sociología a escala del individuo, que sostuvieron la realización de entrevistas en profundidad y sucesivas en la reconstrucción de la trayectoria de vida del reportero aficionado. Al abordar la formación de nuevos arreglos comunicativos, se fundamenta en la investigación sobre la innovación social. Finalmente, se considera que las acciones de este ciudadano común y corriente, que no es periodista, contribuyen a superar los desiertos informativos.

PALABRAS CLAVE: REPORTERO AFICIONADO; PROVISIONES SOCIALES; DESIERTOS DE NOTICIAS; INNOVACIÓN SOCIAL.



1 Introdução

O cenário contemporâneo do jornalismo tem passado por profundas transformações tanto nos processos das produções, dos discursos e das plataformas de trabalho, quanto na circulação do trabalho dos (as) jornalistas (Grohmann, 2016). Apesar da crença de que boa parte dos profissionais jornalistas desenvolve atividades remuneradas em grandes conglomerados midiáticos, pesquisas feitas por Mick e Lima (2013) demonstram que cerca de 40% dos profissionais atuavam fora de empresas de mídia.

Em meio ao fenômeno da platformização e fragmentação da produção do conteúdo, o jornalismo passa a sofrer uma crise de credibilidade ao enfrentar o surgimento, cada vez maior, de novos atores, sem formação em jornalismo, capazes de produzir conteúdo de forma aberta e livre por meio das ferramentas e dos espaços surgidos com a Internet. O que coloca em xeque os processos de *gatekeepers* da grande imprensa, pois a notícia passa a ser produzida, tanto pelo cidadão comum, quanto pelo repórter-amador, conceito que explicaremos mais à frente. Ele está fora do campo jornalístico, no qual atua o profissional que tem formação acadêmica. É nesse contexto que as *fake news* ganham proeminência como um sintoma dessa transformação, o que torna difícil elaborar discursos a partir de fontes de informações checadas, uma exigência da ética jornalística.

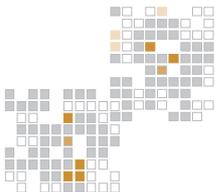
Em contraposição a esse cenário globalizado da grande imprensa, as realidades locais sofrem com a ausência de veículos de comunicação, apesar da pesquisa Atlas da Notícia (ProJor, 2023) ter registrado uma redução dos desertos de notícia no Brasil, identificando uma diminuição de 8,6% em relação a mesma sondagem feita em 2022. Mesmo assim, ainda temos, segundo o ProJor, 2.712 cidades sem veículos de comunicação local, o que afeta aproximadamente 26,7 milhões de pessoas

sem acesso a notícias de seus municípios. Um dos fatores, de acordo com a pesquisa, que contribuiu para essa redução foi a expansão digital.

Com o processo de digitalização e a ampliação do acesso à Internet, crescem as possibilidades de desenvolvimento de conteúdos informativos locais, justamente pelo processo de democratização dos meios de produção. Assim, a produção da notícia nas comunidades, principalmente do interior dos estados brasileiros, ganha um novo fôlego, mas não mais feita, necessariamente, por jornalistas formados, mas sim por cidadãos comuns, sem graduação em jornalismo, que passam a assumir a função e a responsabilidade de informar o que ocorre em suas localidades.

O que faz um cidadão comum, que não é jornalista, criar espaços para produzir conteúdo a partir de seus próprios critérios do que é notícia? Em uma sociedade interligada em rede, o indivíduo que tem um computador ou celular pode se conectar à internet e navegar na grande rede, interagindo com os veículos de comunicação ou criando novos arranjos produtivos para conteúdos informativos. Além de colaborar com os jornalistas ao enviar sugestões de pautas, parte desses atores está criando espaços virtuais nos quais escreve notícias, sem se submeter aos filtros impostos pelos conglomerados de comunicação. Esse ator que faz o movimento de consumir informação, dialogar com os jornalistas e instituir espaço autoral para fazer o seu conteúdo noticioso é chamado por Autor (2015) de repórter-amador. É este cidadão comum que passamos a observar na Região Agreste do Estado de Pernambuco.

Nesse contexto, a prática desse indivíduo que quer produzir a própria notícia tem sido importante para as mudanças nas configurações e relações sociais que são estabelecidas pelos atores que estão dentro e fora do jornalismo. Esse campo social é fechado e esses cidadãos estão contribuindo para quebrar regras, como



as da concepção das notícias e trazer mudanças ao campo do jornalismo. Para Bourdieu (1997; 2003), o campo social é um espaço de disputas para que os atores sejam reconhecidos como membros de um grupo e para que possam se distinguir ao dominar seus valores e normas.

É a partir desse cenário que apresentamos, neste artigo, um recorte da pesquisa Observatório da Vida-Agreste, com o perfil sociológico de Val da Cultura, um morador da cidade de Toritama, no Agreste pernambucano, que criou espaços noticiosos para abordar os temas que interessavam a sua comunidade. Para realizar este estudo, tomamos como aportes teórico e metodológico o programa de uma sociologia à escala do indivíduo, de Bernard Lahire (2002; 2004; 2005; 2006). O perfil de Val, nome fictício do repórter-amador para que não seja identificado, como determina a metodologia de Lahire, surgiu após o mapeamento dos cidadãos que utilizam a internet para produzir notícias no Agreste de Pernambuco. Ele foi escolhido por ser um cidadão comum, residente naquela cidade, que criou um espaço alternativo para produzir notícias porque diversas pautas das comunidades locais não eram publicizadas pelas duas rádios do município.

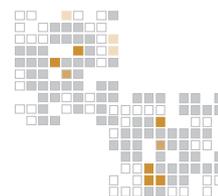
Na fase exploratória, aplicamos um questionário amplo com 123 perguntas com os atores identificados no Agreste que criaram espaços próprios para fazer notícia. Foi descoberto, por exemplo, que a maioria desses atores é composta por homens, solteiros e jovens, que têm trabalho formal e possuem renda de até três salários mínimos. Esse grupo busca ganhar dinheiro como repórter-amador, mesmo que não seja a remuneração principal para ganhar a vida, dedicando parte do tempo do trabalho para produzir conteúdo. No Grande Recife, Autor (2015) percebeu, porém, que os repórteres-amadores utilizavam o tempo do lazer, sem a preocupação de receber dinheiro pela atividade.

A fase do mapeamento geral deu também as

primeiras pistas para que a investigação alcançasse o seu objetivo final: fazer perfis sociológicos dos indivíduos que desempenham no Agreste o papel de repórter-amador, identificando como as disposições sociais são construídas inconscientemente, por cada um, para que ele se sinta motivado ao longo da vida para ser produtor de conteúdo noticioso, mesmo sem ter formação em jornalismo. Dessa forma, na apresentação de Val da Cultura, serão reconstruídos os processos de socialização do ator entrevistado na segunda fase do trabalho, por meio de entrevistas mais aprofundadas e sequenciais.

A pergunta que norteia o trabalho é: quais são as disposições sociais, atualizadas a partir de fatores relacionais e contextuais, que contribuem mais frequentemente para o cidadão comum querer produzir conteúdo informativo sem ter formação especializada em jornalismo? No Grande Recife, Borges (2015) identificou que as disposições mais fortes encontradas foram as premissas para as ações sociais, culturais, políticas e religiosas. A nossa hipótese de pesquisa foi que essas são as disposições que motivam a ação do repórter-amador no Agreste, o que se confirmou, como veremos mais à frente.

O repórter-amador é o cidadão comum que age ativamente, desempenhando os papéis de consumidor, colaborador e produtor da notícia. Ele atravessa o campo do jornalismo quando quer ter o seu lugar de fala reconhecido. E isso ocorre quando ele envia uma sugestão de pauta ou um comentário para que seja considerado pelos veículos no processo de construção da notícia. Já o repórter-amador está no que Autor (2015) chama de mundo do jornalismo, conceito construído a partir da noção de mundo social de Becker (1977; 1982). O conceito de mundo social de Becker tem origem na tradição do interacionismo simbólico e na análise de fenômenos que existem independentemente do reconhecimento da institucionalização de uma



determinada profissão.

Nessa perspectiva, o jornalismo é um mundo que não se limita às redações das grandes empresas de comunicação. É formado a partir de uma ampla rede de cooperação, que passa, por exemplo, pelos departamentos comercial e de artes até chegar à audiência, que pode apenas consumir ou ser participativa. Para Becker, cada ator social orienta o seu comportamento por meio dos limites da ação do outro. É um processo complexo em função das motivações que estão subjacentes à ação social, definidas, interpretadas e orientadas a partir da leitura que o indivíduo tem da representação do outro. Essa configuração está, por sua vez, conectada não apenas ao contexto coletivo, mas também à experiência individual de socialização.

O repórter-amador que age ativamente no jornalismo faz um jogo e está em um espaço de ação que fica na interface entre os conceitos de mundo do jornalismo – que é mais reducionista porque envolve o sentido do processo de cooperação puro e simples entre todos os atores, um mundo ideal – e de campo do jornalismo – que é mais específico pela luta interna dos atores que ocupam uma posição permanente pela obtenção de poder e de reconhecimento do capital social de um campo de atuação prioritária, de primeira ordem. Como entra e sai desses dois espaços, este indivíduo realiza uma espécie de jogo, que chamamos de jogo do agir ativamente.

É esse repórter-amador que, com seus espaços autorais fora do campo do jornalismo, tem incomodado os veículos de comunicação e contribuído para ocupar os desertos de notícias, dando visibilidade a temas que ficam de fora das pautas dos conglomerados de comunicação. Os desertos de notícias são justamente esses locais que não são alcançados pela mídia tradicional na cobertura noticiosa.

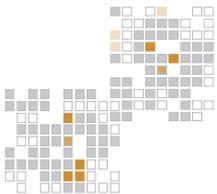
A atuação dos repórteres-amadores contribui, assim, para que esses lugares tenham as realidades

narradas com suas histórias contadas por meio de canais de comunicação alternativos, criados, geralmente, pelas plataformas disponíveis nas redes sociais digitais. É possível pensar as lacunas na cobertura informacional midiática também como um deserto de notícias. De acordo com Benezath e Reis (2020, p. 3),

[...] comunidades que não dispõem de veículos institucionalizados de jornalismo, vivem em desertos de notícias e têm a cidadania afetada, por não dispor de informações de qualidade que favoreçam a participação nas decisões coletivas, levando-as a ser submetidas a processos de desinformação e manipulação.

A atuação dos repórteres-amadores, nessas localidades, permite uma aproximação com o conceito de inovação social. Historicamente, o conceito de inovação caminhou junto ao avanço tecnológico. Essa ideia restrita de que para inovar é necessário investir em tecnologia contaminou várias áreas do conhecimento, entre elas a Comunicação e Informação. Os autores argumentam que, apesar de ser mais evidente a relação da inovação com interfaces tecnológicas, a inovação está presente também no impacto social dessas novas tecnologias. “Ela pode dizer respeito à apropriação de algo por um determinado grupo social e a inovação social que essa apropriação trouxe, gerando um novo sujeito social” (Rossetti; Goulart, 2020, p. 160).

A inovação está no impacto social das novas tecnologias de comunicação e informação, no novo receptor, agora produtor e interativo, nos processos cognitivos, nas linguagens, na estética e até mesmo nas novas abordagens metodológicas e teóricas de comunicação. Isso porque a inovação é um fenômeno social, simbólico e tecnológico, presente em toda sociedade contemporânea midiaticizada e pode perpassar todo o campo da comunicação (Rossetti, 2013,



p. 64). O repórter-amador está livre das normas do campo profissional do jornalista, embora faça uso intuitivamente de alguns recursos do campo. Ele utiliza as ferramentas tecnológicas da internet, que facilitam a operacionalização e otimizam o tempo.

Para estudar o cidadão que está nesse jogo do agir ativamente, temos que ter acesso às disposições sociais dele. O acesso às disposições se deu na fase da pesquisa das entrevistas em profundidade e sucessivas, quando foram reconstruídos os processos de socialização do ator analisado, na segunda fase da investigação do Observatório da Vida Agreste. Só assim será possível saber como os esquemas disposicionais dele, para produzir notícia, foram sendo construídos inconscientemente ao longo de sua trajetória de vida. Este estudo vai sinalizar para as variações disposicionais que ele aciona quando se sente motivado a desempenhar o papel de repórter-amador.

Por tudo isso, é preciso entender como o ator, em meio ao emaranhado das variações inter e intra individuais, que surgem nas fases de socialização, sente-se estimulado a desempenhar os papéis de produtor da informação sem ser jornalista. A pergunta que lastreia este artigo é: qual é o perfil do repórter-amador do Agreste que elabora estratégias de comunicação para produzir conteúdo informativo e promover a inovação social naquela região do Nordeste do Brasil?

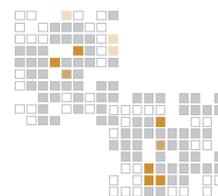
2 Fundamentação teórica e metodológica

Nos tempos atuais, a prática do diálogo no jornalismo foi ampliada com a abertura de mais canais de interação entre a redação e o cidadão a partir da internet. No mundo virtual, o indivíduo, contudo, pode ter acesso direto às fontes de informações, muitas vezes de forma gratuita, driblando a mediação da imprensa. Por meio do Observatório da Vida-Agreste, a pesquisa identifica que o cidadão do Agreste está furando

o bloqueio imposto pela grande imprensa para criar a notícia. É o repórter-amador que, com seus espaços autorais, tem impactado os veículos de comunicação e contribuído para ocupar os espaços dos desertos de notícias, ao dar visibilidade a temas que ficam de fora das pautas da grande imprensa.

No jornalismo, observa-se como essa prática do cidadão comum tem sido importante para as mudanças nas configurações e relações sociais que são estabelecidas pelos atores que estão dentro e fora dos veículos. Muitas hipóteses poderiam ser pensadas no âmbito das ciências da comunicação para esses questionamentos. Na pesquisa empírica para investigar essa relação veículo-audiência, percebe-se a existência de correlações e inter-relações entre as estratégias e os interesses da grande imprensa de um lado, e as percepções, os sentimentos individuais e as competências envolvidos na ação individual e nas interações sociais, de outro (Autor, 2015). O problema ultrapassa a mera investigação culturalista, na qual as interações se restringem a uma luta (organizada ou não) pela hegemonia de interesses ideológicos dos grupos sociais em questão.

Desse ponto de vista, buscam-se as respostas no âmbito da sociologia mais atenta aos processos de construção das competências disposicionais dos indivíduos e suas consequências nas relações entre indivíduo e sociedade (Autor, 2015). O paradigma sociológico que melhor respondeu ao problema é o das chamadas teorias disposicionalistas que fazem parte de uma longa tradição sociológica oriunda da sociologia durkheimiana e da antropologia estrutural (estruturalismo straussiano) que se desenvolve na segunda metade do século XX, passando, sobretudo, pela contribuição de Bourdieu (1997; 2003) e chegando ao século XXI pelo trabalho de autores que desenvolveram ou que fazem crítica imanente à corrente disposicionalista, a exemplo de Lahire, que dá suporte a nossa pesquisa.



Para analisar sociologicamente as disposições deste indivíduo que desempenha o papel do que se conceitua repórter-amador, considerou-se a elaboração do conceito de jogo do agir ativamente no jornalismo (Autor, 2015). O cidadão-repórter é o ator social que interage com a grande imprensa, opinando e/ou sugerindo assuntos que deseja ver nas edições jornalísticas, segundo Sbarai (2011). Nesse caso, são coprodutores da notícia. O repórter-amador, por sua vez, vai além: é o indivíduo que não se contenta em ser apenas colaborador, tomando a iniciativa de instituir um espaço autoral para produzir informação sem precisar se reportar aos jornalistas. A maioria deles passou a escrever e dar publicidade ao próprio conteúdo a partir das ferramentas disponibilizadas pelo mundo virtual.

No Grande Recife, Autor (2015) observou que o repórter-amador dedica o tempo livre e de lazer para a prática de produzir conteúdo informativo. Já no Agreste, na fase atual da investigação, percebe-se, como analisaremos no perfil sociológico aqui apresentado, que o repórter-amador passa a ocupar parte do tempo do trabalho para fazer esse tipo de conteúdo, ganhando dinheiro com a atividade, mesmo que ela não seja a remuneração principal para alguns deles. Por isso, para entender a importância desta pesquisa, é necessário levar a academia a mudar o foco e aproximar o olhar do pesquisador dos universos de socialização dos cidadãos que não integram o campo profissional do jornalismo. Eles, porém, acionam esquemas disposicionais que os motivam a querer realizar o jogo do agir ativamente, podendo vir a desestabilizar as regras construídas e arraigadas do campo do jornalismo, que não detém com exclusividade mais o poder de dizer o que é e o que não é notícia.

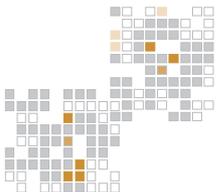
A disposição é uma força interna, introjetada no indivíduo, por meio dos processos de socialização e das influências das estruturas e das

relações que são construídas nos mundos sociais. É a representação social de uma tendência, que é, ao mesmo tempo: 1) recebida pelo cidadão de forma plural (socializações); 2) retida de maneira singular e; 3) externalizada em escala individual, mas que provoca mudanças em escala social. É uma força que vem do pensamento e se concretiza na ação, que é individual e plural. Para Lahire (2002; 2004; 2005; 2006), a disposição se revela pelas ações, pela ideia de recorrência.

À medida que o indivíduo vive cada experiência vai ativando uma tendência ou outra, a mais adequada ao que ele necessita para agir ativamente, a partir de quatro disposições que estão na base dos esquemas disposicionais do repórter-amador, como identificou Autor (2015). Elas são as disposições para as ações social, política, cultural e religiosa. Pelo menos três dessas inclinações se entrecruzam com mais força para o motivar a ser um produtor de notícias. No Agreste de Pernambuco, observa-se que são três as disposições que se entrecruzam para motivar o cidadão a ser repórter-amador: as tendências para as ações social, política e cultural, como detalharemos no perfil sociológico que será apresentado a seguir.

3 O universo de Val da Cultura: da rádio imaginário ao mundo virtual dos blogs

Servidor público e produtor cultural, Val da Cultura é casado, pai de seis filhos e tem 47 anos de idade. Gostaria de estudar jornalismo para dominar as técnicas da produção textual do gênero noticioso, que ele compreende, de forma intuitiva, por ler bastante e observar a organização dos textos dos jornalistas dos veículos de comunicação. Por esse hábito de se manter informado e gostar de interagir com os profissionais da comunicação, sempre se sentiu um ator singular em meio aos demais indivíduos que conviviam nos mundos da família original, família formada, comunidade, escola e trabalho.



Para preservar a identidade do entrevistado, obedecendo a estratégia metodológica de nossa pesquisa, não apresentaremos o seu nome verdadeiro. Por isso, é chamado de Val da Cultura.

Para exercer o papel de produtor de conteúdo, foi, ao longo dos anos, encontrando motivações para acionar inconscientemente disposições para as ações sociais, culturais e políticas, que estão na origem de sua inclinação para ser repórter-amador. Isso ocorre quando ele se sente estimulado a: 1) consumir notícia em veículos de comunicação, 2) interagir com esses mesmos veículos para dar opinião e sugerir pautas sobre temas de seu interesse e 3) a partir da frustração em não ver suas pautas nesses veículos, criar um espaço autoral para produzir a própria notícia sem passar pelos critérios de noticiabilidade dos veículos que integram os conglomerados de comunicação.

Como era pressionado pela família original a não trabalhar com comunicação, o que, para ele, era “coisa de desocupado”, Val teve que buscar, desde cedo, um trabalho que garantisse uma remuneração fixa. Só assim poderia reduzir essas pressões para poder ativar as suas disposições hedonistas para fazer realmente o que gostava: encenar peças de teatro e produzir notícias. Do contrário, as inclinações para exercer o papel de repórter-amador corriam o risco de serem apagadas. O esquema de disposições de Val foi sendo construído pela influência de fatores contextuais e relacionais desde a sua infância.

Ele nasceu e cresceu no mesmo município. O pai também era de lá. Já a mãe era de uma cidade da Região Sudeste. Na época das entrevistas, o pai já era falecido e a mãe morava em outra localidade. Val recordou que nunca foi estimulado pela família original a trabalhar com comunicação. Os pais diziam que, ser repórter, não dava dinheiro. Era uma profissão para “loucos” e “desocupados”. Na cidade onde viviam não havia, à princípio, nem uma rádio nem jornal impresso local. Recebiam informações de

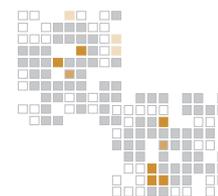
programas produzidos em outros municípios. A primeira emissora de rádio só se instalou lá quando Val já era um adolescente.

Ele lembrou que uma irmã mais velha chegou a iniciar o curso de jornalismo. Até fazia revisões dos textos que ele escrevia e colaborava, eventualmente, com seu jornal impresso, criado após a saída da rádio comunitária, como iremos descrever mais à frente. Ele, contudo, não soube dizer se ela foi influenciada por ele ou vice-versa nem quis aprofundar essa informação, sinalizando que não havia muita interação com essa irmã, que casou e deixou de lado o curso e a contribuição com o jornal dele.

Para acionar as suas inclinações para as ações sociais, políticas e culturais, que se entrecruzam para motivá-lo a ser repórter-amador, Val teve que fazer aquilo que tanto criticava no pai: agir com ascetismo para trabalhar e ter uma remuneração fixa mensal. Só assim, poderia superar as pressões para organizar o tempo entre o trabalho mais formal e as atividades do repórter-amador. Isso ocorreu quando ele, pressionado pela família original, realizou um concurso público que lhe daria uma certa estabilidade financeira, como o pai tanto queria.

Fez e passou para auxiliar de serviços gerais, conquistando um cargo de servidor público na prefeitura de sua cidade, posição que lhe conferiu uma distinção. Isso porque era uma opção desejada e difícil, uma vez que a maior parte dos adultos daquele município se dedicava ao comércio e às pequenas fábricas do ramo da confecção e de calçados, montadas nas casas dos próprios moradores.

Val acompanhava o pai, que foi vereador da cidade por dois mandatos, no trabalho que realizava no campo político. Daí, veio a admiração pela oratória, uma característica importante para os bons comunicadores e repórteres, como ele viria a se transformar mais tarde. Da mãe, ele disse que herdou o olhar para o social. Ela era tímida,



dona de casa, mas sempre gostava de conversar e ver as pessoas com um olhar humano. O pai dele foi importante para que ele desenvolvesse, de forma inconsciente, disposições para a ação política, estratégica para o motivar a ser o repórter-amador que foi se formando ao longo de sua trajetória. Foi a partir da vivência do pai no mundo político que foi gostando do cotidiano da política. Já foi candidato a vereador, mas não se elegeu.

Val casou três vezes. Era muito jovem quando casou pela primeira vez. Tinha entre 17 e 18 anos. Naquela ocasião, a esposa não o apoiava nas ações que ele gostava de fazer como repórter-amador, ficava ao lado dos pais dele. Acredita que pode ter estimulado uma das filhas a escrever. Ela gosta de ler e escrever desde criança. E pode, no futuro, seguir a carreira de repórter-amadora. Ou seja, pode o suceder no blog, apesar de ela escrever textos de ficção e não de notícias sobre o dia a dia da cidade. Com a atual família formada, em seu terceiro casamento, consegue conciliar as disposições hedonistas e ascéticas para o trabalho, dividido entre o serviço público e as atividades de repórter-amador e do teatro.

Foi com um carro de som, que usava para ajudar pessoas na comunidade, que tomou gosto pelo microfone e foi para uma rádio. Ele confessa, inclusive, que, se não fosse o reconhecimento da população, não seria o repórter-amador que é. E foi ainda com a comunidade que imaginou, já na infância, a atuar como repórter. Foi com um amigo da vizinhança, em sua comunidade, que passou a brincar de uma rádio imaginária, impulsionado pelo pai, que escutava muito rádio e tinha amigos radialistas famosos. Val revelou ser, mesmo de forma inconsciente, um comunicador nato.

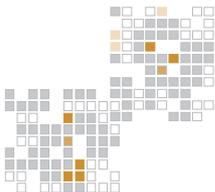
O repórter-amador Val da Cultura também nasceu no mundo da escola, quando os professores levavam os jornais impressos para fazer atividades escolares. E quem o influenciou

mais foi uma professora de português. Foi ela, inclusive, que o levou para fazer teatro aos 14 anos. Inicialmente, foi forçado por essa professora a montar uma peça teatral na então quinta série. De lá para cá, segue atuando no teatro por paixão à arte. Mas foi essa paixão pelo teatro que o ajudou no ofício de dominar a voz, saber falar e se comunicar com o público, o que contribuiu para ele dialogar melhor com as pessoas: seja ao entrevistar as fontes de informação, seja interagindo com a audiência.

Um outro professor, também de português, influenciou Val. Ele, inclusive, tinha uma participação mais ativa do que a professora que o levou ao teatro. Esse docente o estimulava a produzir conteúdo para o jornal, que Val criaria mais à frente. Nos estudos, contudo, Val não conseguiu avançar. Até o final de nossas entrevistas, ele não tinha concluído o Ensino Médio.

Começou a trabalhar muito cedo e sempre procurou atividades que o motivasse a acionar as disposições sociais, políticas e culturais para produzir informação. A paixão pelo teatro e pelo rádio, cultivados na infância e na escola, contribuiu para levá-lo ao primeiro trabalho, mesmo que isso ocorresse informalmente. Foi locutor de carro de som. O microfone sempre o atraiu. E aquela era uma oportunidade de realizar um sonho. A primeira experiência dele na comunicação foi no carro de som por meio do qual fazia anúncio e dialogava com os moradores da cidade. O carro de som era de um amigo dele. Do microfone do carro de som para o microfone da rádio, foi um pulo. A comunicação popular, que aprendeu no teatro, foi para o carro de som e para o microfone da rádio.

Ele foi atuar na rádio comunitária da cidade com 16 anos, pois não tinha locutor na cidade. Lá, fazia de tudo um pouco e ganhava com base nos anunciantes que conseguia trazer para a emissora. Não tinha um salário fixo. Ele completava o que recebia no carro de som com o



salário da rádio. Começou a ganhar dinheiro para fazer o que sempre sonhou. Era um trabalhador informal, não conseguiu obter nenhum registro profissional para atuar na área porque não tinha o Ensino Médio completo. E seguiu como uma espécie de repórter-amador. Produzia a notícia olhando como os outros faziam. Saiu da rádio porque se decepcionou. Ele conseguia patrocínio, mas ficava só com 10% do que faturava e não tinha salário certo.

Quando saiu da rádio, criou o jornal impresso, um espaço autoral no qual poderia produzir conteúdo informativo sem se submeter aos filtros dos veículos mais corporativos. Quando estava com o jornal, chegou a ganhar mais dinheiro do que na prefeitura. O jornal era vendido por meio de cópias xerocadas. A ideia inicial era mostrar as coisas da cidade que não estavam nas rádios e nos veículos dos municípios da redondeza. O jornal impresso era feito por ele e dois amigos (que faziam a diagramação), começaram distribuindo 100 exemplares e foi crescendo. Ele aprendeu a apurar a informação, olhando o trabalho de outros repórteres. Depois, com o crescimento do jornal, começou a cobrar por anúncio. Fazia o jornal impresso e vendia nas bancas. Quando migrou para o mundo virtual, afirmou que muitos anunciantes, mesmo discordando das matérias, ficavam no seu espaço por conta dos acessos que o blog tinha.

Como sempre gostou de ler os jornais da capital, Recife, Jornal do Commercio e Diário de Pernambuco, escrevia no seu jornal observando como eram as matérias desses veículos da chamada grande imprensa. Nessa época, inclusive, passou a dialogar com essas empresas de comunicação, vendendo, para eles, as fotografias que fazia para o seu jornal. Esse reconhecimento dava satisfação ao repórter-amador. Foi dessa época que surgiram, com mais força, as disposições sociais que o fizeram a se motivar para ser o repórter-amador que, anos mais tarde, criaria um blog para produzir notícias.

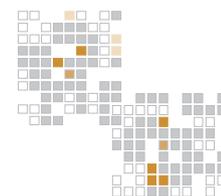
4 Considerações finais

Foi com essa trajetória de vida que, de forma inconsciente, surgiu o indivíduo que iria manter em alta as suas disposições sociais para o agir ativamente no jornalismo. O blog começou em 2014 e já chegou a registrar até quatro mil acessos por dia. Ele alimenta com conteúdo diariamente, trazendo informações da sua cidade e da região. Ele reproduz matérias de outros blogueiros e o material dele sai em outros espaços. Já teve uma equipe trabalhando com ele, mas, no momento da entrevista, estava sozinho.

Apesar disso, o dinheiro que recebe na produção de notícia não faz parte de sua principal remuneração de trabalho para ganhar a vida, pois é servidor público da prefeitura da cidade onde mora. No blog, é remunerado por patrocínio com exibição da marca, apoio cultural, parceria com troca de serviço e trabalho com remuneração. Também cobra por anúncios no Google.

A partir da experiência de Val, foi possível entender como cidadãos comuns, que não têm nenhuma formação em jornalismo, elaboram conteúdos informativos contribuindo para ampliar a cobertura de acontecimentos em suas localidades, o que possibilita a superação de desertos de notícias e, dessa forma, promove a inovação social. Trata-se de um anacronismo quando comparado com o cenário de comunicação globalizada e plataformizada, que tem como motor de operação os algoritmos de recomendação de conteúdo e de inteligência artificial generativa, que não conseguem dar conta do problema das notícias locais em um contexto de desertos de notícia.

Por meio de respostas novas e socialmente reconhecidas, que visam e geram mudança social, os repórteres-amadores agregam simultaneamente três atributos: satisfação de necessidades humanas não satisfeitas por via do mercado, promoção da inclusão social e capacitação de agentes para transformação social.



Referências

- BENEZATH, RITA; REIS, Ruth. A mudança no ecossistema jornalístico e o deserto de notícias no espírito santo. *Anais do Seminário Comunicação e Territorialidades*, Espírito Santo, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/poscom/article/view/32168>. Acesso em: 9 mai. 2023.
- BECKER, Howard S. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- BECKER, Howard S. *Art worlds*. Berkeley/ Los Angeles: University of California Press, 1982.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- GROHMANN, Rafael. O trabalho do jornalista a partir dos processos comunicacionais e produtivos: dimensões teóricas em cenário de flexibilização e tensionamentos identitários. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 13, n. 1, p. 6-18, 2016.
- LAHIRE, Bernard. *O homem plural*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- LAHIRE, Bernard. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LAHIRE, Bernard. Patrimônios individuais de disposições para uma sociologia à escala individual. *Sociologia, problemas e práticas*, n 49, pág. 11-42, 2005.
- LAHIRE, B. *A cultura dos indivíduos*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- PROJOR (Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo). *Atlas da Notícia* [on-line]. São Paulo: 2018. Disponível em <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/category/atlas-da-noticia-2023/>. Acesso em dez. 2023.
- ROSSETTI, R. Categorias de inovação para os estudos em comunicação. *Comunicação & Inovação*, São Caetano do Sul, v. 14, n. 27, p. 63-72, jul-dez 2013.
- ROSSETTI, R.; GOULART, E. Visão comunicacional da inovação: análise dos sentidos atribuídos à inovação na Revista da Intercom. *Comunicação & Inovação*, São Caetano do Sul, v. 21, n. 45, p. 147-164, jan-abr 2020.
- SBARAI, R. S. A. Minha notícia, IReport e OhmyNews: modelos de cooperação ou colaboração no jornalismo digital? IN: LIMA JUNIOR, W. T. (org.). *Comunicação, tecnologia e cultura de rede*. São Paulo: Momento Editorial, 2011, p. 12-39. Disponível em: <http://www.livroteccred.blogspot.com>. Acesso em out. 2021.

Artigo recebido em 26/03/2024 e aceito em 23/08/2024.

